

**AS MARCAS DA ORALIDADE NA ESCRITA
EM LÍNGUA PORTUGUESA DE INDÍGENAS TERENAS
EM MATO GROSSO DO SUL:
UMA ANÁLISE PRELIMINAR**

Celso Abrão dos Reis (UEMS)

celsoabrao@gmail.com

Marlon Leal Rodrigues (UEMS)

marlon@uems.br

Nataniel dos Santos Gomes (UEMS)

natanielgomes@uol.com.br

RESUMO

Encontramos em produções acadêmicas publicadas em revista especializada em estudos filológicos e linguísticos, teses que defendem, de forma recorrente, que a oralidade se apresenta marcada na escrita desde o início do letramento e, aos poucos, tende a modificar a oralidade, em um vai e vem contínuo de trocas de influências. Acrescenta-se a esse contexto teórico a presença de outra língua figurando como materna ou primeira, incidida em indivíduos de origem étnica indígena, com isso, supomos, haver marcas visíveis dessa presença em suas escritas em língua portuguesa. Com base em Botelho (2004; 2006; 2010), firmamos os alicerces dessa investigação e, nesse sentido, o trabalho aqui apresentado buscou identificar e analisar as marcas culturais da oralidade, de indivíduos bilíngues da etnia terena, manifestando-se nas respostas a um questionário aplicado em uma conjuntura universitária do Mato Grosso do Sul.

Palavras-chave: Oralidade. Escrita. Letramento. Indígena. Bilíngue. Terena.

1. Introdução

É possível encontrar produções acadêmicas tratando das nuances da oralidade, sobreposta a escrita em língua portuguesa, em letramentos nos mais variados contextos escolares, porém, abordagens que versem do tema considerando indivíduos bilíngues de etnias indígenas, parece-nos, não atrair com a mesma frequência a atenção de pesquisadores, filólogos e linguistas.

Mato Grosso do Sul é um estado privilegiado no que se refere à presença de indígenas, tem a segunda maior população do país com 9 etnias que, segundo dados do censo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2010), são 73.295 indivíduos, destes, 14.457 em áreas urbanas, sendo 5.898 em Campo Grande, capital do estado, com população em um crescimento da ordem de 2,0% ao ano e sua presença é nota-

da em escolas públicas municipais, estaduais, bem como nas universidades, esse fato estatístico é pressuposto de ocorrências as mais diversas, ligadas ao letramento *versus* oralidade, dignos de investigações da ciência linguística.

Supomos as dificuldades do letramento de pessoas em uma segunda língua (o português do Brasil), em que a primeira (a língua terena) se mantém numa relação de adstrato⁶⁴, cujo povo, originalmente, advém de cultura ágrafa, deste modo, o presente trabalho se propõe apontar algumas influências que uma oralidade materna indígena exerce sobre a escrita de alguns acadêmicos, por intermédio de um inquérito aplicado a 3 indivíduos, alunos e alunas, da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul.

2. Identidade e língua terena

Em Martins (2002, p. 63-66) vemos que os Terena entram em território sul-mato-grossense em meados do século XVIII, se estabelecem na bacia do rio Miranda (afluente do rio Paraguai), foram e são bastante receptivos ao contato com os não índios e sua sociedade tradicional dividia-se em castas, uma de cativos que é composta por etnias inimigas e outra pelos próprios terenas, estes apartados em dois subgrupos, os naati; cacique e familiares e os waheê-txané; homens e mulheres comuns e no que tange a sua língua, é ensinada no âmbito doméstico pelas mães aos seus filhos, quanto ao letramento (os terena são originalmente uma cultura ágrafa), as primeiras iniciativas de alfabetização bilíngue aconteceram em meados da década de 1990, por iniciativa do Estado.

3. Sucessão de influências recíprocas de duas modalidades orais sobre uma escrita

Em Kato (*apud* Botelho, 2010, p. 11), encontramos um esquema de “direção de simulações entre fala e escrita com ciclo de simulações contínuas”, plausível em um contexto unilíngue, que aqui adaptamos para outra possibilidade de situação, entendendo, tal qual no modelo onde nos baseamos, haver um ciclo semelhante em uma circunstância bilíngue,

64 Para Garcia (2002, p. 73), adstrato é qualquer língua que conviveu ou convive em pé de igualdade (bilinguismo) com outra língua.

como segue:

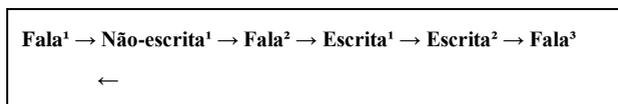


Fig. 1: Direção de simulações entre fala (bilíngue) e escrita (unilíngue) com ciclo de simulações contínuas⁶⁵

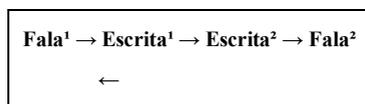


Fig. 2: Direção de simulações entre fala e escrita com ciclo de simulações contínuas⁶⁶

Práticas discursivas aqui esquematizadas integram em alguma medida conjunturas complementares, supostamente como alma e corpo que existem no mesmo espaço-tempo, uma imaterial; invisível, o outro material; visível e, pensando assim, é possível colocar de um lado a fala como fenômeno acústico intangível e de outro lado a escrita como signos linguísticos tangíveis coexistindo como faces de distintas moedas, questão que é tratada com maior profundidade por Botelho, como segue:

Como se pode elucubrar, as linguagens oral e escrita não ocupam as extremidades de uma linha reta; não são dicotômicas. Logo, devem ser analisadas como duas práticas discursivas cujas diferenças e semelhanças se dão ao longo de um contínuo tipológico, em cujas extremidades se situam, de um lado o grau máximo de informalidade e, de outro, o grau máximo de formalismo. (BOTELHO, 2004, p. 57-69).

Assim sendo, o *corpus* a ser analisado se visto pela ótica de “diferenças e semelhanças” (BOTELHO, 2004), inferimos, apresentar-se em um contexto com extremidades bem mais elásticas no contínuo tipológico, devido à peculiaridade de possuir em sua composição duas oralidades diversas, sendo uma primária em língua terena e outra secundária em língua portuguesa.

65 Adaptação do modelo de Kato (1987) por Botelho (2010, p. 7).

66 Modelo de simulação encontrado em Kato (1987), citado por Botelho (2010).

4. *Fala x escrita: diferenças e semelhanças*

Marcuschi (1997, p. 13-14) assevera quanto ao “papel da escrita e da fala sob o ponto de vista dos processos educacionais, que fala e escrita não são propriamente dois dialetos, mas sim duas modalidades de uso da língua” e o alcance do seu domínio leva a um estágio *bimodal* (fluyente em dois modos de uso), assim nos permitiu pressupor que na presença de duas modalidades orais frente a uma escrita, tenhamos uma outra possibilidade nas práticas discursivas que pode ser entendida como trimodal (três modos de uso), onde o papel da escrita assume importância maior por tratar-se de um contexto escolar acadêmico, com isso, abre-se a possibilidade de subentender uma relação tensa no exercício cotidiano do adstrato terena-português.

Quanto a questão levantada por Botelho (2004, p. 57-69), da informalidade *versus* formalismo, valendo-se de interessante metáfora de uma linha reta aludindo diferenças e semelhanças entre linguagem oral e escrita, cogitamos existir uma fenda no contínuo tipológico, vez que, a hipótese de haver três modos simultâneos de uso (oral-oral-escrito) faz plausível pensarmos tais tipologias como faces de distintas moedas, de modo a abarcar em um dos lados uma terceira modalidade, assim é razoável entendermos a imaterialidade da língua não como diferente da materialidade da escrita, não se trata disso, trata-se apenas de um meio tangível de registro da – sempre “em movimento, mas nunca deixando os seus falantes na mão” (FARACO, 2006, p. 14) – produção discursiva oral, deste modo, a escrita fica sujeitada, mesmo em um ciclo de influências recíprocas, a caminhar um passo atrás, em que pesem a celeridade das normatizações acadêmicas, surgindo sempre a reboque das mutações na língua.

5. *Análise de dados*

1) A tabela a seguir delinea o estágio de formação dos informantes:

Informante	Sexo	Escolaridade
Informante I	Masculino	Graduando em Letras
Informante II	Feminino	Graduando em Letras
Informante III	Feminino	Graduando em Pedagogia

2) As tabelas a seguir identificam a frequência das ocorrências:

Ocorrências por Informante			
Informante	Marcadores orais	Uso de conectivos	Pronomes possessivos
Informante I	2	5	2
Informante II	0	4	3
Informante III	0	2	3
TOTAL	2	11	8

Ocorrências por Informante			
Informante	Grafia incorreta	Acentuação incorreta	Concordância incorreta
Informante I	0	5	2
Informante II	3	2	2
Informante III	1	6	3
TOTAL	4	13	7

3) O gráfico a seguir mostra a porcentagem de cada categoria de ocorrências, de um total geral de 45.

5.1. Ocorrências por categoria



Ocorrências alusivas aos marcadores orais, ao uso de conectivos e a presença de pronomes possessivos nos textos, por serem características comuns a todos os níveis de escrita (das básicas às acadêmicas), foram descartadas como objeto das análises propostas neste trabalho, no entanto, observamos que nas incorreções de grafia, acentuação e concordância podem estar indícios da oralidade terrena derramando-se sobre a escrita em língua portuguesa, devido ao volume expressivo e suas características

peculiares.

Em relação a grafia incorreta, analisaram-se eventos tais como:

- 1) *menha*;
- 2) *concerzeza*;
- 3) *instita*;
- 4) *pós Graduação*.

Quanto à acentuação incorreta, elencamos alguns exemplos:

- 1) *diferênciado*;
- 2) *academicos*;
- 3) *ciêntifico*;
- 4) *impossivel*;
- 5) *mínha*;
- 6) *indígena*;
- 7) *bilingue*.

Foram observadas ainda incorreções relativas a concordância, que supomos estarem ligadas a tensões da ordem do adstrato (bilinguismo), uma vez que ocorrem em formato característico da modalidade falada, descrita por Botelho (2004), com o “grau máximo da informalidade”, que enumeramos a seguir:

- 1) (...) *umas delas é* (...)
- 2) (...) *tudo em só objetivo* (...)
- 3) (...) *para eu possa* (...)
- 4) (...) *acesso a cultura etnias diferentes* (...)
- 5) (...) *confeções de materiais bilingue* (...)

Considerando tese que trata a oralidade e a escrita como práticas sociais, é possível subentender que no contato entre duas oralidades diversas, não se apagam por completo as influências linguísticas originais na escrita em segunda língua, com isso, é possível identificar manifestações dessa ordem materializando-se no “ciclo de simulações contínuas” (KATO, 1987), perspectiva que, para Resende (2010, p. 256), se mostra

em fase de escolarização primária, etapa em que a pesquisadora infere que “repetição de palavras, marcadores conversacionais e erros ortográficos relacionados à fala são muito marcantes na escrita da criança” e, no contexto do presente trabalho, são encontrados nos escritos dos entrevistados, formando em letras e pedagogia.

6. Considerações finais

A análise das anomalias nas grafias; acentuação, concordância, representam 53,4% do total da amostra e sugerem que nestas categorias estariam os indícios das marcas culturais da oralidade na escrita em língua portuguesa de alunos e alunas bilíngues e, destacamos que as demais ocorrências listadas não cogitam, em nenhum momento, não haver a possibilidade da ocorrência de episódios semelhantes na escrita de acadêmicos não índios, pressuposto que direcionou nossos esforços de diagnóstico às incorreções.

Em um contexto universitário em fase de conclusão dos cursos de letras e pedagogia aqui analisados, torna-se plausível as hipóteses levantadas, considerando que as incorreções presentes nos textos são, em alguma medida, semelhantes as encontradas na escrita de indivíduos (crianças) cursando o ensino fundamental, que tem o português do Brasil como língua materna, fato que corrobora a tese de haver marcas da oralidade terena na escrita em língua portuguesa de indígenas em Mato Grosso do Sul.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BOTELHO, José Mario. Entre a oralidade e a escrita: um contínuo tipológico. *Cadernos do CNLF*, Rio de Janeiro, CiFEFiL, vol. VIII, n. 07, p. 57-69, 2004.

_____. As marcas da oralidade na escrita. *Revista Philologus*, Rio de Janeiro, CiFEFiL, vol. XII, n. 35, 2006. Disponível em: <<http://www.filologia.org.br/rph/ANO12/35/002.pdf>>. Acesso em 16-10-2014.

_____. Oralidade e a escrita, e o letramento em sociedades de oralidade secundária. *Cadernos do CNLF*, vol. XIV, n° 04, tomo 04, p. 3086-3103, 2010. Disponível em: <http://www.filologia.org.br/xiv_cnlf/tomo_4/3086-3103.pdf>.

FARACO, Carlos Alberto. *Linguística histórica: uma introdução ao estudo da história das línguas*. São Paulo: Parábola, 2006.

GARCIA, Afrânio da Silva. O português do Brasil – questões de substrato, superstrato e adstrato. *Soletras*, Ano II, nº 04. São Gonçalo: UERJ, jul. /dez. 2002. Disponível em: <http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/soletras/article/view/4447/3250>.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística: Os indígenas no censo demográfico 2010. Primeiras considerações com base no quesito cor ou raça. Rio de Janeiro: IBGE, 2012. Disponível em: http://www.ibge.gov.br/indigenas/indigena_censo2010.pdf. Acesso em: 20-10-2014.

MARTINS, Gilson Rodolfo. *Breve painel etno-histórico de Mato Grosso do Sul*. 2. ed. ampl. e rev. Campo Grande: Edufms, 2002.

REZENDE, Tays Angélica. A influência da oralidade na produção textual escrita. In: *Anais do XIV Congresso Nacional de Linguística e Filologia*. Rio de Janeiro: CIFEFiL, 2010. Disponível em: http://www.filologia.org.br/xiv_cnlf/tomo_1/250-257.pdf. Acesso em: 16-10-2014.